
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A REALIDADE DA CORPOLATRIA NA CONTEMPORANEIDADE

PHYSICAL EDUCATION TEACHERS AND THE REALITY OF CORPOLATRY IN CONTEMPORANEITY

PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA Y LA REALIDAD DE LA CORPOLATRÍA EN LA CONTEMPORANEIDAD

Clarissa Barros de Castro¹

Edgar Zanini Timm²

Resumo

Atualmente, se nota uma busca desenfreada por um corpo que reproduza padrões estéticos ditados pela sociedade pós-moderna. Com o constante crescimento de clubes e academias, esse fenômeno se tornou mais evidente, apresentando uma geração de pessoas excessivamente preocupadas em apresentar um corpo belo que possa ser admirado. O termo corpolatria é utilizado para designar essa busca por um padrão corporal esteticamente dominante. O que se percebe, principalmente nas academias, são esforços demasiados; frustrações constantes e ações, por vezes, invasivas nessa tentativa de conquistar um corpo que é imposto pela sociedade, por influência da mídia, por força do meio cultural e, também, por questões pessoais, emocionais e sociológicas. Esse trabalho investigou como o processo da corpolatria vem se apresentando na contemporaneidade e como os profissionais da educação física estão lidando com esse fenômeno. A pesquisa teve por objetivo geral compreender como professores de Educação Física trabalham as situações em que evidenciam sinais dessa prática. Para tanto, situada na perspectiva das pesquisas de natureza qualitativa, se trabalhou com entrevistas semiestruturadas com professores de academias para coletar os dados e submetê-los à análise e construção de texto na perspectiva das ideias propostas por Bardin (2011). Essa pesquisa fundamentou-se na necessidade de reflexão sobre a temática da corpolatria, ouvindo professores que lidam diretamente com esse fenômeno e propondo indicativos que possam ajudar outros profissionais no seu desempenho. Entre os resultados se identificou que esse fenômeno é uma preocupação percebida pelos profissionais, tendo a mídia forte influência a esse respeito. O método adotado para lidar com ele tem sido por meio de conversas, contudo há

1 Mestra em Biociências e Reabilitação (PPGBR/Centro Universitário Metodista – IPA); Graduada em Educação Física (UFRGS).

2 Professor no Programa de Pós-Graduação em Biociências e Reabilitação (IPA); Graduado em Educação Física (UFPel) e em Filosofia (PUCRS), Mestre e Doutor em Educação (PUCRS).

a percepção de que a formação curricular não dá subsídios suficientes para lidar com um ser que vai além do biológico, indicando uma necessidade de reflexão acerca do tema durante o processo de formação desses profissionais.

Palavras-chave: Corpolatria; Corpo; Estética; Academia; Professor de educação física.

Abstract

Nowadays it's remarkable a rampant search for a body that reproduces aesthetic standards dictated by modern post society. With the constant growth of clubs and gyms this phenomenon became more evident presenting a generation overly worry to present a beauty body which can be admired. The term *corpolatria* (body worship culture translating to english) it's used to designate this search for a body pattern aesthetically dominant. It's remarkable, mainly at gyms, an over effort; constant frustrations and, sometimes, invasive actions in this attempt to conquer a body that is set by society, by media influence, by cultural environment and also personal, emotional and sociological issues. The present research wants investigated how this body worship culture process has being at contemporaneity and how physical educational professional are dealing with this. The research had as a general goal understand how physical educational professional works on situations that points signals of body worship culture practice. That for, situated on qualitative nature research perspective it was used semi structured interviews with gyms teachers to collect needed data and submit it to analysis and text construction on the perspective of Bardin ideas (2011). The research proposal substantiated on the reflection need about this theme, listening to teachers that deal directly with this phenomenon and proposing pathways that might help others professionals at their performance. Among the main results, the research presented that this phenomenon is a concern perceived by professionals, having the media a strong influence about it. The usual way to deal with it is through conversation, although there is the perception that the curricular degree it doesn't give enough subsidies to deal with a being that goes beyond the biological, indicating a reflection and a discussion need during the graduation process of this professionals.

Keywords: Body workshop culture; Body; Aesthetic; Gym; Physical educational Professional.

Resumen

Actualmente, existe una búsqueda desenfadada de un cuerpo que reproduzca patrones estéticos dictados por la sociedad posmoderna. Con el constante crecimiento de clubes y gimnasios, este fenómeno se ha hecho más evidente, presentando a una generación de personas excesivamente preocupadas por presentar un cuerpo bello que se pueda admirar. El término corpolatría se utiliza para designar esta búsqueda de un patrón corporal estéticamente dominante. Lo que se percibe, especialmente en las academias, son demasiados esfuerzos; constantes frustraciones y, en ocasiones, acciones invasivas en este intento de conquistar un cuerpo que es impuesto por la sociedad, por la influencia de los medios de comunicación, en virtud del entorno cultural y también por cuestiones personales, emocionales y sociológicas. Este trabajo investigó cómo se ha ido manifestando el proceso corpolatría en la actualidad y cómo los profesionales de la

educación física están enfrentando el fenómeno. El objetivo general de la investigación fue comprender cómo trabajan los docentes de Educación Física en situaciones que muestran signos de esta práctica. Para ello, en la perspectiva de la investigación cualitativa, se realizaron entrevistas semiestructuradas con profesores de academia para recolectar los datos y someterlos al análisis y construcción del texto en la perspectiva de las ideas propuestas por Bardin (2011). Esta investigación se basó en la necesidad de reflexionar sobre el tema de la corpolatría, escuchar a los docentes que abordan directamente este fenómeno y proponer indicadores que puedan ayudar a otros profesionales en su desempeño. Entre los resultados, se identificó que este fenómeno es una preocupación percibida por los profesionales, teniendo los medios de comunicación una fuerte influencia en este sentido. El método adoptado para abordarlo ha sido a través de conversaciones, sin embargo se percibe que la formación curricular no brinda los subsidios suficientes para atender a un ser que va más allá de lo biológico, lo que indica una necesidad de reflexión sobre el tema durante el proceso. formación de estos profesionales.

Palabras clave: Corpolatria; Cuerpo; Estética; Gimnasio; Profesor de educación física.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o corpo, sua representatividade e sua importância foram sendo alterados. Tão grande foi esse movimento que o famoso biólogo Desmond Morris dedicou parte de sua obra ao relato acerca das mudanças do corpo, como observado no livro “A mulher nua” (2004).

Paim e Strey (2004, paginação irregular), em seu estudo, discorrem acerca dos diferentes olhares que o corpo recebe ao longo do tempo e afirmam que “o corpo ocidental se encontra em plena metamorfose. Não se trata mais de aceitá-lo como ele é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo”.

Padrões de beleza se alteram com o tempo, impondo-nos sempre um novo corpo a ser alcançado, como se a beleza (mesmo que subjetiva) não pudesse ser atingível, embora seja vendida como possível, instigando-se o consumo de métodos para que ela possa ser reproduzida. A mídia, o comércio de cosméticos, as cirurgias plásticas e, também, as academias se adaptam a todo o momento a um novo padrão imposto, alimentando e corroborando com essa lógica de consumo, com essa indústria da beleza.

O que temos construído com essa crescente adoração à estética são padrões neuróticos, uma não aceitação e processos desgastantes nessa busca, o que nos leva a questionar qual a real percepção que nossos alunos têm acerca da palavra saúde. É possível ver, no dia a dia de uma academia, o esforço demasiado, sofrido e dolorido aos

quais seus frequentadores se submetem em busca dessa padronização. Por vezes, nos questionamos: se tirássemos os espelhos de uma academia, não teríamos a sensação de estar, de fato, lidando com seres humanos ao invés de máquinas obstinadas?

Vivemos uma era de consumo exacerbado, de mídias sociais, onde ser visto faz parte de estar inserido. Por isso, mostrar-se bem, “saudável” (estando essa ideia de saúde relacionada a um corpo esteticamente aceito) pode significar pertencer a um seleto grupo de vencedores.

Acontece que o que julgamos ser saúde parece perder seu propósito. “O corpo aqui não é pensado de modo complexo, de forma holística, de maneira pluridisciplinar. Corpo é aparência física, e essa aparência tende a ser objeto de consumo que gera mais consumo.” (SIQUEIRA; FARIA, 2007).

Está cada vez mais evidente o que Codo e Senne já apontavam em 1985 e denominaram como corpolatria. Conforme os autores, esse culto ao corpo é, em muito, análogo a uma religião, onde ritos são cumpridos em busca de uma adoração corporal. Essa veneração tornou-se uma obsessão cada vez maior e tem trazido efeitos adversos ao que costumamos relacionar ao saudável. “A epidemia se multiplica numa população patologicamente preocupada com a perfeição”. (BARRIOS, 2019).

Com isso, passamos a questionar se o próprio enquadramento do curso de Educação Física, como uma área estritamente biológica, faz sentido. É inegável a importância do caráter fisiológico, bioquímico, o estudo do corpo e sua resposta frente a diferentes treinamentos. Mas, como profissionais da saúde humana, lidamos com gente, e parece-nos estabelecido pela literatura que o próprio conceito de saúde vai além do ser unicamente biológico.

Para Carvalho (2001), o sentido da nossa profissão é proporcionar melhores condições de se expressar, de se manifestar por meio do movimento corporal para, então, ele (o indivíduo) construir possibilidades outras de se situar no mundo com o intuito de, justamente, viver melhor – individual e coletivamente. Por isso, é preciso rever as bases que sustentam os trabalhos que objetivam a saúde das pessoas.

É nesse cenário que a presente pesquisa foi realizada, investigando questões acerca do conceito de culto ao corpo e de metodologias e processos utilizados na didática entre professor e aluno.

CONTEXTO

Numa rotina de academia, é bastante nítida a quantidade de alunos que tenta, através da busca pelo corpo perfeito, suprir frustrações ou se sentir “melhor encaixado” dentro da atual sociedade que se mostra massivamente conectada pelo visual. O mundo contemporâneo traz o imperativo de uma velocidade e dinamismo muito grande e nos imputa, não só uma estética determinada, mas também a urgência com que essa estética ideal seja atingida.

Camargo et al. (2011 apud ABRIC, 1998) afirmam que as representações sociais têm um importante papel nas práticas e dinâmicas sociais. Dentre algumas funções apresentadas por essas representações estaria a de função identitária, servindo para manter uma imagem positiva do grupo no qual o sujeito está inserido. Portanto, nessa perspectiva, ter um corpo bonito pode significar um determinado espaço de privilégio no meio em que vivemos.

Com essa necessidade de alcançar objetivos e estruturas corpóreas preestabelecidas, o mercado da educação física teve que se adaptar. O mundo das academias precisou se reinventar e lançar novos métodos, técnicas de treino, desenvolver sistemáticas que fizessem parecer possível atingir o “objeto corpo” a ser exposto. E, hoje, se depara com professores que precisam (e talvez não possuam o preparo) lidar com alunos que demandam uma atenção, também, referente a questões emocionais e não só físicas.

Nesse cenário, professores têm enfrentado o dilema de como apresentar resultados possíveis, dentro de rotinas saudáveis, para alunos que parecem estar dispostos a cometer excessos a fim de atingir determinados objetivos estéticos. Suas competências e qualidades têm sido colocadas em xeque. Uma nova frente de mercado se mostra mais vendável do que o próprio conhecimento. Influenciadores digitais do mercado *fitness* (não necessariamente qualificados) vendem suas metodologias de treino de maneira muito efetiva, pelo simples fato de esteticamente e visualmente apresentarem aquilo que o aluno projeta na sua própria imagem.

De acordo com Lima (2013), o esquema corporal é a organização das sensações relativas a seu próprio corpo, associado aos dados do mundo exterior, sendo a imagem do nosso corpo que desempenha um papel importante na consciência que cada um tem de si. Portanto, aqueles que estudarão e trabalharão com esse corpo, trabalharão também com

as influências externas que ele recebe e com a maneira que ele se coloca (não só fisicamente) diante do mundo, da sociedade.

Para Camargo et al. (2011), a percepção que o indivíduo tem de sua imagem corporal constitui elemento fundamental para a compreensão das representações subjetivas do corpo. Citamos, a seguir, um trecho do trabalho dos autores, que parece elucidar essa questão:

As representações sociais assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo assim modelos de pensamento e de comportamento relacionados ao corpo, que envolvem tanto aspectos relacionados à estética quanto à saúde corporal. (CAMARGO, 2011 apud JODELET et al., 1982).

Apresentar-se como belo e jovem não traz somente um prazer ligado ao ego, nos coloca em uma posição social de conforto, de triunfo. De acordo com Paim e Stray (2004), estamos assistindo, no século XXI, especialmente em grandes centros urbanos, a uma crescente glorificação do corpo. Indivíduos que fazem quase tudo para manter seus corpos dentro de modelos construídos, numa verdadeira indústria do corpo, tornando-o um verdadeiro objeto de consumo. Para Lima (2009), a atividade física institui e reforça a ideia do corpo saudável como uma mercadoria.

Educa-se para a saúde ou vende-se um produto? Estamos inseridos em um mercado que dita normas e, querendo ou não, no mundo capitalista, dar o produto que o cliente necessita é o que traz subsistência; então, como ser ético e coerente sobre o conceito de saúde se ele, por si só, parece distorcido e deturpado na sociedade atual?

Assim, parece ser importante olhar para os currículos acadêmicos de formação de profissionais da Educação Física e para a formação continuada dos já atuantes na área. Questionar, de novo, se o próprio enquadramento do curso, como uma área exclusivamente biológica, faz sentido.

O processo curricular de formação dos acadêmicos da educação física vem sendo discutido ao longo dos tempos. A separação do curso entre bacharéis e licenciados parece refletir, por vezes, um tratamento de maneira dicotomizada do ser humano, como se uma parte desse indivíduo respondesse apenas a estímulos biológicos, bioquímicos, mecânicos e outra a fatores emocionais, culturais, sociais e educacionais. Ainda que exista uma mudança no processo de formação, é necessário questionar se a ela ocorrerá no mundo prático, amalgamando o ser social ao biológico.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Educação Física (DCN/MEC), documento publicado em 17/12/2018, estabelecem uma nova proposta de formação aos futuros graduandos da Educação Física. Conforme o documento, o profissional deve ser qualificado para analisar criticamente a realidade social e nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio de manifestações e expressões culturais do movimento humano. O aluno, seja ele bacharel ou licenciado, passa a ter um foco na formação humanista, técnica, crítica, reflexiva, ética e qualificadora – fundamentada pelo rigor científico e pela reflexão filosófica.

Apresentamos, aqui, um trecho do trabalho de Carvalho (2001), por considerarmos suas observações de suma importância para as reflexões aqui desenvolvidas:

[...] a base de formação do profissional de Educação Física compreende, essencialmente, a dimensão biológica, orgânica na compreensão do Homem e do seu corpo no estudo, na reflexão e também na intervenção. Se nos fundamentamos no referencial das ciências humanas para debater a questão da atividade física e saúde o quadro, necessariamente, muda de figura. O sujeito assume o seu posto de centro das atenções – e não somente o “sujeito” – indivíduo, mas o “sujeito” também do ponto de vista coletivo. Assim, ao se propor um programa de atividade física, não poderia ele ser um programa cujo conteúdo priorizasse a relação atividade física e saúde, a atividade física visando saúde, mas a proposta seria fundamentada na ideia de que é o conhecimento e a experiência do homem com a cultura corporal que possibilitam ele a manifestar-se, expressar-se visando a melhoria de sua saúde. Não podemos esquecer que saúde como conceito também estaria fundamentada nas ciências humanas e sociais. Desloca-se a ideia de saúde centrada no organismo, no físico, no biológico para a saúde como processo e resultado das opções na vida [...] (CARVALHO, 2001, p.11).

Uma formação interdisciplinar se faz necessária dentro da linha do estudo acadêmico, a fim de compreender esse indivíduo para além do biológico. A inserção de disciplinas nas áreas da psicologia, sociologia e filosofia, de maneira mais aprofundada e voltada às necessidades e realidade desses futuros profissionais, além das biológicas, se faz fundamental nesse processo de formação.

É, nesse contexto teórico e social, que foi realizada esta pesquisa, problematizando como profissionais da área da Educação Física lidam com o fenômeno do culto ao corpo na contemporaneidade. Foram consideradas como sinônimas, até que sua diferenciação seja suficientemente definida na área da Educação Física, as expressões “professor de Educação Física” e “profissional da Educação Física”.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram entrevistados professores de Educação Física, atuantes em academias, objetivando-se compreender sobre o modo como lidam com o fenômeno da corpolatria nas suas práticas profissionais.

Nessa perspectiva, princípios orientadores para uma análise de conteúdo, apresentados por Bardin (2011), foram adequados para trabalhar com os dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas.

Optou-se, então, pelo procedimento qualitativo por melhor representar o objetivo da pesquisa, tendo em vista refletir e problematizar, com base nas narrativas, no referencial teórico e nas vivências profissionais narradas na perspectiva do problema de pesquisa proposto. Minayo (2013) é esclarecedora no que se refere ao paradigma de pesquisa escolhido para a realização deste trabalho:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não se pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2013, p. 21).

Assim, pode-se estabelecer, com base nos princípios clássicos de Bardin (2011) e nas observações de Gomes (*op. cit.*, p. 75), as seguintes fases que foram efetuadas nesta investigação: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pesquisa foi desenvolvida com seis profissionais da Educação Física, titulados por instituições de Ensino Superior e registrados junto ao Conselho Regional de Educação Física (CREF-RS). Desses participantes, três eram mulheres e três eram homens, todos atuantes na área de treinamento em academias e clubes na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e com um histórico profissional de, pelo menos, dois anos.

As entrevistas semiestruturadas, em número de uma para cada participante, foram realizadas individualmente, seguindo um roteiro básico com seis questões de natureza aberta a fim de que o participante se sentisse à vontade na construção de suas respostas por escrito.

A pesquisa realizou-se no curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Biociências e Reabilitação do Centro Universitário Metodista – IPA, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da referida instituição, com registro CAAE n. 21772919.6.0000.5308 e Parecer Consubstanciado n.3.620.217, datado de 03 de outubro de 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as entrevistas, percebeu-se uma relativa surpresa quanto ao termo corpolatria, pelo menos por essa nomenclatura específica. Todos os entrevistados apresentavam o entendimento do que seria o culto ao corpo, mas não o relacionavam ao nome “corpolatria”.

Em um primeiro momento, por mero desconhecimento do termo, a palavra “corpolatria” parecia não remeter a algo a ser observado com maior cuidado, mas, ao se desenvolver o assunto, ficou nítido que a ideia do conceito está bem enraizada no dia a dia de professores e alunos de academia. Essa veneração a um corpo atraente e “malhado” faz parte da rotina de alunos e praticantes de exercícios e, até mesmo, dos não praticantes. A preocupação com essas rotinas obsessivas está presente na rotina de trabalho de um professor, revelando que o conteúdo do conceito é bem percebido pelos entrevistados.

Os profissionais relataram ter a percepção acerca dos exageros cometidos por alunos na busca incessante que fazem para atingir estereótipos, sabendo que muitos estão dispostos a se submeter a métodos e processos não saudáveis para esse fim. Há a clara alegação de estarem em busca de saúde, enquanto adoecem seu emocional em busca desse (falso) objetivo.

Com isso, o sentimento de impotência diante de algumas práticas e demandas de alunos é recorrente. A forte influência das mídias e de modelos que apresentam seus corpos sarados faz com que alunos lancem essa demanda para os professores, como se o resultado dependesse somente de sua responsabilidade. A responsabilização imposta ao profissional coloca, por vezes, em cheque sua capacidade e competência. A metodologia e o respeito aos limites do corpo e à individualidade de cada um não é de interesse real do aluno. O que se busca é que determinada estética seja entregue o quanto antes.

Para os professores entrevistados essa dificuldade de “entregar” um resultado é bem evidente e sentida como uma barreira diária no trato com o aluno. Tanto no sentimento de

cobrança em relação ao próprio corpo quanto na dificuldade de passar credibilidade para esse aluno por meio de conhecimento técnico: “Para os alunos, muitas vezes, o corpo do professor determina o quanto ele sabe sobre o assunto, pois acaba sendo modelo e exemplo” (E1). “Por vezes, me senti limitado por não conseguir ajudar uma pessoa que estava querendo resultados, que não consegui dar a ela no prazo em que ela gostaria” (E2).

Parece que a necessidade de convencimento se tornou mais eficaz do que o próprio conhecimento. O desgastante esforço é percebido e relatado pelos professores, pois há uma grande demanda de tempo despendido ao tentar mostrar o que é plausível de ser alcançado e o que não é; como a relação de continuidade e tempo faz diferença; como a especificidade e individualidade devem ser respeitadas. Essa “batalha” para se fazer crível acaba por tornar a rotina maçante e, muitas vezes, desleal perante um espetáculo midiático de corpos esteticamente aceitos. Corpo esse que, embora vendido e aceito facilmente, não é, necessariamente, o mais saudável, pois apresenta uma resposta mais rápida, gerando uma falsa satisfação imediata. Cria-se não só uma expectativa em relação a um padrão estético, mas também uma projeção de felicidade nessa conquista.

Aparentar determinado corpo traz credibilidade no mercado *fitness*, colocando a competência e o conhecimento profissional em segundo plano, dificultando, assim, o trabalho do profissional. Esse sentimento de descontentamento é cada vez mais presente na rotina dos professores. Os profissionais ou acabam cedendo às demandas dos alunos (mesmo que inviáveis) ou arriscam perdê-los por não irem contra ao que acreditam ser o melhor no que se refere à metodologia e periodização de treino:

Com o *marketing* e a visibilidade por corpos perfeitos fica cada vez mais difícil o professor convencer o aluno de que é importante continuar praticando mesmo sem emagrecer, mesmo que não fique definido e mesmo que tenha limitações (E5).

Durante as entrevistas, a preocupação dos professores quanto aos excessos cometidos por alunos foi repetidamente comentada. De maneira mais recorrente, mídias sociais e suas imagens parecem ser os grandes responsáveis por reforçar essa busca estética. Profissionais da área da saúde, mais especificamente de academias, nunca foram tão procurados e requisitados. A dificuldade está no controle da disseminação dessas informações, da transmissão de credibilidade de conhecimento. Num mundo excessivamente dinâmico, não é preciso só ter um corpo bonito, é preciso tê-lo rápido. As imagens e comparações podem servir de estímulo, mas também podem gerar efeitos

negativos, já que a individualidade, às vezes, acaba sendo esquecida e as comparações se tornam crescentes. Existe uma associação direta entre felicidade e perfil estético, e isso pode levar alunos a frustrações e desânimo. Acaba sendo uma batalha entre se fazer acreditar, respeitar individualidades e entregar um resultado. “Os alunos querem resultados imediatos e é nosso papel ético explicar os possíveis danos que práticas exageradas podem levar, porém não podemos interferir nas atitudes dos alunos” (E2).

Para Knopp (2008), a mídia faz essa “mediação” entre a sociedade e a indústria da corpolatria, estimulando o consumo de produtos e serviços destinados à finalidade de tornar-se atraente. Nesse sentido, o culto ao corpo é uma manifestação da sociedade contemporânea. No entanto, a mídia não é a única fonte responsável por esse fascínio por corpos esteticamente “adequados”, mas, muito provavelmente, a mais forte.

Toda a nossa vivência tem uma influência importante nessa questão. E o meio, no qual estamos inseridos, também determina o que é belo ou não, impondo, de certa forma, que nos sintamos obrigados a nos adequar a um padrão para que possamos nos sentir socialmente inseridos. Bordieu (2017) afirma que os consumos estéticos têm por virtude, entre outras, a de lembrar que o consumo de bens pressupõe um trabalho de apropriação, onde o consumidor contribui para produzir o produto que ele consome mediante um trabalho de identificação.

Assim, buscamos padrões estéticos que acabam por nos objetificar, porque é através dessa imagem construída que “vendemos” a ideia de felicidade e sucesso e, desse modo, mantemos essa lógica de consumir aquilo que nos ajudaria nessa conquista. “O corpo virou uma mercadoria e todos os meios que possuem visibilidade acabam lutando para vender seus produtos que prometem melhorar o físico” (E2).

Nesse cenário contemporâneo, no que tange a uma formação acadêmica em Educação Física, é preciso que se dê um olhar mais atento à questão da formação curricular dos professores, um olhar mais amplo para o indivíduo, que possibilite a construção de competências e habilidades para lidar com o fenômeno da corpolatria. Os profissionais sentem que as dificuldades estão muito além de periodizações e metodologias de treino.

É necessário discutir a questão das representações e da representatividade. É importante que os alunos se identifiquem com realidades possíveis e que construam sua autopercepção de maneira mais positiva. É preciso que esse professor consiga, pelo menos

minimamente, perceber fatores emocionais, culturais e sociais que podem afetar esse indivíduo, que o levem a esse desejo – talvez obsessivo – por determinado padrão corporal. Para Jodelet (2001), essa é uma questão fundamental:

Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis por que construímos representações. Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. (JODELET, 2001, p.1).

Luz (2003) afirma que todo excesso é visto como risco à saúde, pois desequilibra e isso acarreta o adoecimento. Esse é um sentimento que é percebido por professores que atuam em academias. Mesmo que ainda não se tenha uma estrutura curricular que abranja todas essas questões, há a percepção de que essa discussão é primordial.

O debate dentro das universidades e instituições formadoras pode ser o passo inicial a ser dado. Para que tenhamos um professor mais apto a lidar com questões que ultrapassam o universo biológico e fisiológico, é preciso ampliar a realidade e o mundo do conhecimento para além dessas esferas. “Acredito que no ambiente acadêmico temos espaço para essa discussão. Trata-se de valorizar a profissão, ampliar o debate e aproximar do diálogo cotidiano” (E1).

Enquanto a estrutura curricular e de ensino não é fortemente sedimentada – pelo menos nesse viés –, é na rotina diária que os professores têm tentado, por meio do diálogo e das possibilidades que possuem, orientar seus alunos para uma prática mais cuidadosa, respeitando sua individualidade. “Acredito que é possível aproveitar os recursos tecnológicos para tentar aproximar esse diálogo aluno-professor” (E1). “Sinalizar a importância da prática pela saúde e mostrar que nossa forma física é condicionada por vários fatores, alguns modificáveis, mas outros não, como a genética e a idade” (E5).

Os professores relataram um grande esforço na tentativa de minimizar os possíveis riscos e excessos aos quais os alunos possam estar se submetendo. Esses profissionais tentam, por meio do diálogo e das condutas profissionais que consideram coerente, contribuir para uma prática ética que conduza ao melhor resultado possível. Talvez seja uma utopia almejar que haja a completa conscientização dessa obsessão por uma determinada estética, mas, a partir do momento que outro olhar for dado para isso, já teremos um grande avanço. Colocar a discussão a respeito da corpolatria dentro da universidade e auxiliar o futuro profissional no seu processo de formação, proporcionando-

lhes conhecimentos, habilidades e competências para lidar com o fenômeno, torna-se um imperativo no seu processo de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os principais resultados, a presente pesquisa apresentou que: (a) o fenômeno da corpolatria é percebido e bem acentuado, embora o termo não seja usual entre profissionais da Educação Física que atuam em academias; (b) há um constante sentimento de desvalorização do conhecimento científico desses profissionais frente à tentativa de mostrar outros caminhos para a promoção da saúde por meio de práticas de atividade física que não levem ao excessivo culto ao corpo; (c) a divulgação midiática de práticas e exercícios como condição fundamental para a construção de uma vida saudável e os atrativos do mercado *fitness* podem ser percebidos, por um lado, como, relativamente, benéficos, mas, por outro lado, ao apresentar modelos idealizados a serem seguidos, prejudicam o trabalho do profissional; e (d) há uma grande dificuldade dos professores em lidar com os excessos que os alunos tendem a cometer em busca de se aproximarem de padrões estéticos dominantes e efêmeros, levando-os a desenvolverem estratégias (ainda que, algumas vezes, não suficientemente consistentes e eficazes) para trabalhar no contexto do culto ao corpo.

Por fim, se constatou que o fenômeno da corpolatria continua, atualmente, de modo ainda mais intenso, mostrando a necessidade de ser retomada e discutida essa temática na formação de professores de Educação Física e, também, pelos profissionais da área já atuantes.

Assim sendo, a pesquisa ratifica a convicção de que, por meio de uma consistente reestruturação curricular, é possível melhor lidar com o fenômeno do culto ao corpo. Como todo e qualquer processo de construção bem fundamentado, ele se dá de maneira mais lenta e gradual. É possível que haja ainda um longo caminho a ser traçado, mas essa é uma possibilidade palpável. Nas conversas com os professores que participaram da pesquisa ficou clara a necessidade de abrir esse espaço para o diálogo, para uma nova construção no processo de formação do Educador Físico.

Sugere-se que novos estudos possam ser feitos sobre a temática contemporânea do crescente culto ao corpo, assim como em relação aos conhecimentos, competências e habilidades que são construídas na formação acadêmica em Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BARRIOS, P. **Indústria da beleza e corpolatria**. 2019. Disponível em: http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos2009/artigo_paulobarrios2009.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Seção 1, p. 48. Acesso em: 20 de jun. 2019.
- BRASIL. Portaria nº 1.349, de 17 de dezembro de 2018. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 17 dez. 2018. Seção 1, p. 33. Acesso em: 15 de abr. 2019.
- BOURDIEU, P. **A distinção. Crítica social do julgamento**. 2.ed. Porto Alegre, RS. Editora Zouk, 2017.
- CAMARGO, B. V.; GOETZ, E. R.; BOUSFIELD, A. B. S.; JUSTO, A. M. Representações sociais do corpo: estética e saúde. **Temas em Psicologia**, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – SC, v. 19, n. 1, p. 257 – 268. 2011.
- CARVALHO, Y. M. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 22, n 2, p. 9-21, jan. 2001.
- CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é corpo(latria)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- JODELET, D. Representações sociais: Um domínio em expansão. **UFRJ – Faculdade de Educação**, Rio de Janeiro, maio, 2001.
- KNOPP, G. A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, v. 4, 2008.
- LIMA, M, M. Do corpo sob olhar de Bordieu ao corpo contemporâneo. **Sistema on-line de apoio ao Congresso do CBDCE -IV Seminário Nacional Corpo e Cultura**. paginação irregular, última alteração: 2013 – 04 - 22. Disponível em: congressos.cbce.orh.br/index.php/4sncc/2013/paper/view/. Acesso em: 05 set. 2019.
- _____. Mercadorização do corpo, corpolatria e o papel do profissional de educação física. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1061-1071, set/out. 2009.
- LUZ, M. T. As novas formas de saúde: práticas, representações e valores culturais na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira Saúde e Família. Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: Editora Hucitec, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORRIS, D. **A mulher nua**. 1 ed. São Paulo: Editora Globo S.A., 2005.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. Corpos em metamorphose: um breve olhar sobre os corpos na história e novas configurações de corpos na atualidade. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 79, paginação irregular, 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SIQUEIRA, D. C. O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n.9, p. 171-188. Mar. 2007.

*Trabalho recebido em 15 de julho de 2020,
aprovado em 20 de outubro de 2020.